

Wittgenstein e a dissolução da dicotomia descrição-expressão

Juliano do Carmo¹

RESUMO

A dicotomia descrição-expressão tem sido acentuada nos debates contemporâneos sobre semântica e metaética, particularmente em função daquilo que se entende por “proposição” e a questão dos portadores de valores de verdade. Meu objetivo neste trabalho é mostrar que Wittgenstein endossa certos pressupostos do expressivismo contemporâneo, e ao mesmo tempo evidenciar que o tratamento dos termos psicológicos oferecido a partir dos textos do período intermediário implica na dissolução da dicotomia “descrição-expressão”.

Palavras-chave: Descrição. Expressão. Wittgenstein. Expressivismo.

1 Universidade Federal de Pelotas. Email: juliano.ufpel@gmail.com

ABSTRACT

The dichotomy description-expression has been accentuated in contemporary debates about semantics and meta-ethics, particularly in terms of what is meant by “proposition” and the question of the bearers of truth-values. My purpose here is to show that Wittgenstein endorse certain assumptions of contemporary expressivism, and at the same time show that the treatment of psychological terms offered from middle-period texts implies the dissolution of the dichotomy “description-expression”.

Keywords: Description. Expression. Wittgenstein. Expressivism.

Lembremos bem claramente que descrever é um jogo de linguagem muito especial. (RPP I §600).

Introdução

Entende-se por “Expressivismo Semântico” a posição que se contrapõe às teorias puramente descritivistas no que diz respeito às proposições proferidas em primeira pessoa. Teorias puramente descritivistas costumam sustentar que o conteúdo semântico de uma sentença é equivalente a uma descrição ou pode ser legitimamente reduzido a uma descrição. O *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein, por exemplo, poderia ser compreendido como um modelo de descritivismo, pois assume que o universo semântico é reduzido a proposições e, proposições, por sua vez, são genuinamente descrições (descrevem estados de coisas possíveis). Todas as demais formas de “proposições” são classificadas como carentes de sentido (proposições tautológicas da lógica) ou como contrassensos (proposições prescritivas ou avaliativas da ética, estética, etc.).

Ainda que consideravelmente distintas do *Tractatus* em termos de seus principais pressupostos, as teorias descritivistas contemporâneas em geral costumam aceitar que sentenças descritivas (proposições) significam o que significam em virtude daquilo que descrevem. Dada a definição padrão de uma proposição (praticamente inalterada em relação àquela encontrada no *Tractatus*), ficam excluídas todas as demais sentenças que não descrevem estados de coisas possíveis, pois estas supostamente não poderiam figurar como os portadores primários de valores de verdade.

Contrariamente ao descritivismo e seu caráter extremamente limitador no que se refere a dimensão expressiva da linguagem, os expressivistas defendem que o universo semântico é dividido em sentenças descritivas (descrições de estados de coisas possíveis) e

sentenças expressivas (manifestações de estados mentais carentes de valores de verdade). Na metaética, por exemplo, uma sentença do tipo “É errado matar” não é uma descrição de um estado de coisas, mas, antes, uma expressão. Dito de outro modo: sentenças morais expressam avaliações ao invés de descrições factuais. A ideia básica é a de que as sentenças que superficialmente parecem descrições são, na verdade, expressões. As características fundamentais das expressões seriam as seguintes: ((i) as sentenças-alvo são carentes de valores de verdade; (ii) as sentenças-alvo *expressam*, mas não *descrevem*, estados psicológicos ou processos mentais².

Wittgenstein e o Expressivismo

Existe uma intensa disputa entre os comentadores de Wittgenstein a respeito do suposto expressivismo em seus escritos tardios. Alguns autores costumam defender que Wittgenstein não endossava nenhuma versão de expressivismo, enquanto outros procuram mostrar que a solução wittgensteiniana para alguns problemas clássicos está bastante alinhada aos pressupostos básicos do expressivismo (principalmente no que diz respeito à suposta privacidade epistêmica do conteúdo mental em primeira pessoa, ao tratamento dos conceitos psicológicos e à solução do Paradoxo de Moore). Minha hipótese é a de que Wittgenstein realmente assume um tipo de expressivismo ao tratar de alguns problemas em seus escritos tardios, mas não um expressivismo nos moldes tradicionais, pois tanto o expressivismo, quanto o descritivismo tradicionais estão fadados a endossar a falácia descritivista a respeito da uniformidade dos usos dos termos na linguagem³.

2 MACARTHUR, D. *Wittgenstein and Expressivism*. In Daniel Whiting (Eds). *The Later Wittgenstein on Language*. Londres: Palgrave, 2009. p. 5.

3 WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 2009. §23.

Minha estratégia aqui será a de mostrar que Wittgenstein endossa certos pressupostos expressivistas, contrariamente ao que pensam autores como Robert Moran e Eduardo das Neves Filho⁴, por exemplo, mas ao mesmo tempo evidenciar que o tratamento dos termos psicológicos oferecido por Wittgenstein a partir dos textos do período intermediário implica na dissolução da dicotomia “descrição-expressão”. Veremos que o “expressivismo” de Wittgenstein buscava ao mesmo tempo (1) mostrar que é possível realizar comunicação bem-sucedida sobre nossas sensações, emoções, expectativas, planos e intenções (itens de nosso suposto universo mental privado); e (2) tornar significativa a ideia de que nosso comportamento em relação às nossas sensações é fundamentalmente diferente de nosso comportamento em relação às sensações das outras pessoas.

Contra a tese descritivista da univocidade funcional dos termos psicológicos

Os descritivistas costumam assumir que os termos na linguagem funcionam sempre de um mesmo modo (a tese da univocidade funcional) e, portanto, jamais poderiam aceitar que uma expressão tivesse alguma dimensão assertórica, por exemplo, já que apenas descrições podem ser avaliadas em termos de valores de verdade e, por isso, são assertivas. Wittgenstein é bastante conhecido justamente por explorar as múltiplas possibilidades da linguagem e por suas recorrentes objeções aos mais diversos tipos de dicotomias. O tema a respeito da descrição de nossas vivências interiores (nossas sensações) está intimamente relacionado às nossas manifestações naturais de sensação (ao nosso comportamento natural). Não são realmente raras as passagens das *Philosophical Investigations* em que Wittgenstein investe contra a univocidade funcional do termo “descrição”:

4 NEVES FILHO, E. *O Paradoxo de Moore: Uma Análise de Diferentes Soluções*. Pelotas: EDUFPEL, 2011.

Pense em quantas coisas diferentes são chamadas de “descrição”: descrição da posição de um corpo pelas suas coordenadas; descrição de uma expressão fisionômica; descrição de uma sensação tátil; de um estado de humor. (PI §24).

Wittgenstein parece chamar a atenção para o fato de que os termos “descrição” e “expressão” possuem empregos muito peculiares, os quais muitas vezes nos levam a reconsiderar o que se deve entender por uma “proposição”. Alguns filósofos defendem que as proposições são os portadores primários de valores de verdade, isto é, aquilo que pode receber um valor de verdade. Nesta acepção, todas as proposições legítimas são necessariamente descritivas, pois somente descrições poderiam ser avaliadas em termos de verdade ou falsidade. Para utilizar a linguagem do *Tractatus*, se a proposição não descreve um estado de coisas possível, então ou ela é carente de sentido ou é um contrassenso. O que dizer das expressões neste caso? Na medida em que elas nada descrevem, pode-se dizer que são proposições genuínas?

Mas então não temos um conceito daquilo que é uma proposição, daquilo que entendemos por “proposição”? – Sim; tanto quanto temos também um conceito daquilo que entendemos por “jogo”. Interrogado sobre o que é uma proposição (...) daremos exemplos, e entre esses, também aquilo que se poderia chamar de séries indutivas de proposições (PI §135).

Ao invés de impor limites gramaticais cristalinos entre descrições e expressões, onde “ser uma descrição” (uma proposição genuína) exclui necessariamente o “ser uma expressão”, Wittgenstein assume que tais conceitos estão estreitamente aparentados um com o outro de diferentes modos. Ele diz explicitamente que “O que usualmente chamamos de ‘descrições’ são como que instrumentos para empregos especiais” (PI §291). E mais adiante:

“É preciso notar que muitas vezes o que parece ser uma descrição ou uma elucidação de nossos estados mentais é na verdade uma espécie de substituição de um modo de falar por outro que parece mais apropriado para propósitos filosóficos” (PI §303). A solução para o tipo de confusão originada pelos pressupostos fortemente descritivistas só pode ser resolvida, diz Wittgenstein, na medida em que rompermos com a tese da univocidade funcional dos termos na linguagem, isto é, apenas quando abandonarmos a ideia de que a linguagem funciona sempre de *um* modo, de que ela serve sempre ao mesmo objetivo: “transmitir pensamentos sobre casas, dores, bem e mal, ou o que seja” (PI §304).

Assumir que a linguagem funciona sempre de um mesmo modo é para Wittgenstein uma ficção gramatical (PI §307). A análise purificadora é substituída por uma espécie de representação panorâmica dos conceitos, onde os contextos de aplicação são fundamentais para o próprio reconhecimento da intencionalidade e dos significados envolvidos nos jogos de linguagem. As palavras são comparadas a ferramentas mais ou menos complexas que se prestam aos mais diversos empregos. É neste sentido, precisamente, que a linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (PI §23). É exatamente neste ponto, também, que a tese da univocidade funcional parece tão nociva, pois nos leva a colocar questões estranhas ou ilegítimas tais como “O grito ‘Socorro!’ é uma descrição?”.

As proposições empíricas descrevem verdadeira ou falsamente aquilo que percebemos. Ao realizar uma descrição, realizamos, por assim dizer, uma espécie de uma figuração daquilo que é percebido e tal figuração pode ser verdadeira ou falsa. Quando pensamos no universo mental como um mundo privado ao qual temos um acesso privilegiado, estamos inclinados a pensar que é possível extrair descrições de fatos que apenas nós podemos ter

acesso. As simetrias lógicas derivadas deste modo de pensamento reforçam as posições equivocadas a respeito do que chamamos de uma descrição. Em primeiro lugar, parece impossível verificar descrições de experiências privadas; e, em segundo lugar, em se tratando do relato sobre nossas dores, expectativas, intenções, etc. apenas manifestamos o modo como nos sentimos sem qualquer pretensão de um valor de verdade.

Diferentemente das descrições baseadas em percepções sensoriais, em se tratando de nossa capacidade expressiva não existem condições internas de observação que possam ser precárias ou excelentes (nada semelhante a “mais luz!” ou “mais alto, por favor!”). Não podemos chegar mais perto de um objeto mental observado e “dar mais uma olhada”. Não existe nada que seja uma observação da evolução de nossas dores, ou da flutuação de nossas emoções. Não se trata de observar algo perceptivelmente, mas sim de registrar o modo como nos sentimos (HACKER, p.31).

A abordagem wittgensteiniana a este respeito parece não-cognitivista nos mesmos moldes do emotivismo na metaética, pois nega que a função de formas verbais do tipo “Eu tenho uma dor” ou “Eu tenho a intenção Y” seja a de comunicar (verdadeira ou falsamente) aquilo que apreendemos privadamente por introspecção e que depois descrevemos para informar aos demais. Desse modo, o principal papel dos enunciados psicológicos em primeira pessoa não é, portanto, descrever aquilo que se passa conosco, como se estivéssemos transmitindo uma informação privilegiada. Daí a observação:

A palavra “descrever” talvez tenha nos pregado uma peça. Eu digo “Eu descrevo meu estado mental” e “Eu descrevo meu quarto”. É necessário trazer à lembrança a diferença entre os jogos de linguagem” (PI, §290).

Os conceitos e atividades utilizados para descrever um quarto são ligeiramente diferentes daqueles utilizados para “descrever” estados mentais. Posso descrever um aparelho celular dizendo que se trata de “um dispositivo moderno de comunicação que funciona por ondas eletromagnéticas e que permite a transmissão bidirecional de voz e dados utilizáveis em uma dada área geográfica que se encontra dividida em células” e a minha descrição pode ser mais ou menos correta em função de meus conhecimentos sobre como funcionam os celulares ou sobre como foram projetados. Posso fornecer descrições detalhadas da aparência de um celular e ser avaliado em termos das minhas habilidades perceptivas (levando-se em conta que a descrição poderá ser afetada pelas condições de observação). Alguém responsável pelo controle de qualidade em uma fábrica de celulares poderia realizar descrições muito mais rigorosas.

Descrições de estados mentais através de sentenças psicológicas em primeira pessoa do presente são muito diferentes das descrições de fatos. É possível mostrar que os enunciados ou sentenças psicológicas são expressões quando são utilizadas espontaneamente e em circunstâncias adequadas. De acordo com Peter Hacker, por exemplo, as expressões não dependem de condições de observação ou em evidência e, portanto, não podem ser verificadas; expressões não dizem respeito a conhecimento ou ignorância, certeza ou dúvida (por isso estão imunes aos habituais recursos de verificação); expressões genuínas são manifestações imediatas.

Isso quer significar que expressões (ou a função expressiva da linguagem) possuem uma dimensão de validade distinta da dimensão de validade das sentenças descritivas, pois quando tratamos de expressões a questão da verdade ou falsidade não parece estar em pauta. Qual é a função de uma sentença expressiva se ela não serve

para dizer a verdade? Austin⁵ pensou os atos ilocutórios, atos de fala performativos do tipo “Eu peço desculpas” ou “Aposto cem dólares que posso fazer isso”, poderiam ser avaliados em termos de bem-sucedidos ou mal-sucedidos. Atos de fala como “Eu peço desculpas” seriam sentenças que superficialmente parecem atos linguísticos locutórios ou constatativos – cuja função é puramente descritiva – mas que na verdade são elocuições performativas ou atos linguísticos ilocutórios. O sucesso ou o fracasso de um ato de fala performativo ilocutório é uma qualidade performativa, isto é, uma qualidade que é imanente às nossas práticas e desempenhos linguísticos (aos nossos jogos de linguagem) e não depende de algo inteiramente fora da sentença (por exemplo, o modo como o mundo é).

O que quero salientar é justamente o fato de que o critério de correção para nossas expressões mais básicas é profundamente dependente de nossa forma de vida, isto é, de nossos costumes sociais, nossas práticas, instituições e tradições⁶. Wittgenstein ao tratar da “expressão de compreensão” de uma “sentença musical” diz que existem reações adequadas e inadequadas que são produzidas por membros de culturas remotas quando confrontados com a nossa música. A compreensão de uma obra musical envolve uma série de comportamentos característicos (uma pessoa que compre-

5 Ao invés de enfatizar a ampla variedade de sentenças não-descritivas como faz Wittgenstein, Austin procurou chamar a atenção para um tipo de elocução que se enquadra perfeitamente no paradigma descritivista (tendo a aparência de uma sentença declarativa), mas que resiste à análise tradicional e não pode ser adequadamente explicada e avaliada em termos de uma descrição que tem por objetivo retratar um estado de coisas efetivo (descrever alguma verdade sobre o mundo). Ver: MEDINA, J. *Filosofia da Linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 21.

6 Nossas reações primitivas, imediatas, naturais, e as formas de comportamento são **expressões** instintivas; não existem razões que possam ser fornecidas para elas. “O Instinto vem primeiro, a razão vem depois. Razões só começam a existir num jogo de linguagem” (RPP II. §689). Mas jogos de linguagem e instinto não estão em uma justaposição não mediada; os jogos de linguagem descansam sobre formas instintivas de comportamento e podem parcialmente substituí-las. Ver: SCHULTE, J. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. New York: Oxford University Press, 1995.

ende a música pode tocá-la, cantar uma frase ou fazer um gesto característico). O que a “expressão de compreensão” demonstra é justamente o fato de que a “expressão de compreensão” envolve comportamentos ou modos característicos de expressá-la.

Existe uma certa expressão adequada para a apreciação de uma obra musical, ao ouvi-la, ao tocá-la e em outros momentos também. Algumas vezes os gestos fazem parte dessa expressão, mas algumas vezes será apenas uma questão de como um homem toca, ou canta a música agora e, novamente, das comparações que ele faz e as imagens com as quais ele a ilustrou. Aquele que compreende a música irá escutar de modo diferente (por exemplo, com uma expressão diferente em sua face), e falará diferentemente daquele que não compreende a música. Mas ele mostrará que ele compreende uma obra musical em particular não apenas nas manifestações que acompanham seu ouvir ou tocar essa obra, mas em sua compreensão para música em geral” MS 137, 15.2.48.

Outro ponto que nos permite inferir que há um critério de correção para expressões é justamente o modo como Wittgenstein pensava a maioria dos conceitos psicológicos (os quais, como temos visto, não são informativos a respeito do mundo externo). Basta observar que as emoções possuem uma duração genuína (início, meio e fim), um curso característico (o inflamar-se de raiva e o lento processo de voltar ao normal) e comportamentos expressivos característicos (o chorar de quando se está triste). Dito de outro modo, sentenças expressivas são acompanhadas de um comportamento expressivo característico. Estas características das expressões de estados emocionais funcionam como critérios para a correção do uso de sentenças expressivas. A ideia é a de que em cada um dos casos (jogos de linguagem) deve ser possível especificar o contexto relevante para indicar o ponto ou o propósito da expressão e descrever as ferramentas necessárias para a utilização das palavras empregadas.

Quando alguém, em vez de dizer: “Espero a explosão a qualquer momento”, sussurra “Vai logo começar”, suas palavras não descrevem nenhuma sensação, se bem que elas e seu tom possam ser a manifestação (expressão) da sua sensação. (PI 582).

Até aqui podemos inferir que Wittgenstein fornece uma distinção bastante interessante entre descrições (proposições empíricas comuns) e expressões (manifestações de nossos estados mentais), pois deixa em aberto a possibilidade de realizar comunicação bem-sucedida de nosso universo mental, através de manifestações ou registros sobre o modo como nos sentimos. A ampliação do universo semântico é obviamente significativa, principalmente quando comparado ao universo restrito do descritivista, mas cabe agora determinar em que medida a posição wittgensteiniana acaba por colapsar a dicotomia descrição-expressão.

A Dissolução da Dicotomia Descrição-Expressão

É inegável que a posição de Wittgenstein em seus escritos tardios endossa alguns dos pressupostos básicos do expressivismo, mas é possível dizer que o expressivismo de Wittgenstein está perfeitamente alinhado ao expressivismo tradicional? Como veremos, existem algumas diferenças cruciais que acabam por revelar que Wittgenstein não pode ser considerado um expressivista tradicional. Na passagem famosa de *Philosophical Investigations*, onde Wittgenstein compara a sentença “Estou com medo” com um grito de medo, a sugestão parece ser a seguinte: “algumas vezes este tipo de ato de fala (forma verbal) está mais próximo de um grito (uma expressão) e em outras vezes ele (o enunciado) está mais distante de um grito (uma descrição)”⁷.

⁷ Ver: WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell, 2001, §189.

Se eu relato “Fiquei com medo o dia todo” – eu ainda poderia entrar em detalhes: Logo quando acordei, eu pensei... Em seguida refleti... Eu sempre ficava olhando pela janela, etc. Poderíamos chamar isto de um relato sobre o medo. Mas, se naquele momento eu falasse para alguém “Estou com medo...” – isso seria como que um gemido de medo ou uma consideração sobre meu estado? – Poderia ser tanto um quanto o outro: Pode ser simplesmente um gemido de medo; pode também ser, no entanto, que eu queira relatar ao outro como passei o dia. Se agora eu lhe dissesse: “Passei o dia todo com medo (aqui talvez se sigam detalhes) e mesmo agora ainda estou angustiado” – o que devemos dizer sobre esta mistura de **descrição** e **expressão**? – O que devemos dizer, senão que temos aqui, à nossa frente, o uso da palavra “medo”? (RPP I §888)⁸

A passagem é particularmente emblemática, pois deixa claro que ao invés de assumir a dicotomia tradicional descrição-expressão, onde “ser uma descrição” parece excluir naturalmente o “ser uma expressão”, Wittgenstein defende que há casos em que temos uma “mistura” de descrição e expressão. Parece claro que qualquer tentativa de impor limites gramaticais cristalinos tanto na descrição quanto na expressão deixará de fora usos legítimos de certas expressões, tais como o uso da palavra “medo”, por exemplo. Além disso, fica aberta a possibilidade de que algumas expressões possam dar origem a certas descrições:

“Eu pretendo...” nunca é uma descrição, **mas em certas circunstâncias uma descrição pode ser extraída dali.** (RPP I §599, grifos nossos).

“Eu estava esperançoso de manhã; depois...”. Qualquer um chamaria isto de uma descrição. **Mas é característico disso que essa descrição pudesse correr paralelamente a uma descrição de meu comportamento.** (RPP I §595, grifos nossos).

8 WITTGENSTEIN, L. *Remarks on the Philosophy of Psychology*. Oxford: Blackwell Publisher, 1980. Vol. I, §888 [Grifos meus]. Na tradução brasileira deste livro encontramos as palavras “relatos” e “manifestações” ao invés de “descrições” e “expressões”, acreditamos que um modo de tornar a distinção ainda mais clara (para os atuais propósitos) consiste em substituir “relatos” por “descrições” e “manifestações” por “expressões”.

Segundo David Macarthur⁹, o modo correto de pensar o tratamento wittgensteiniano dos termos psicológicos é através de uma linha que vai de uma resposta absolutamente espontânea a determinada situação (um grito de medo, um suspiro, um gesto, etc.) até uma resposta altamente especializada que pode ser avaliada em termos de valores de verdade (uma sentença tal como “Estou com medo”).

Quando alguém diz: “Tenho esperança de que ele virá”, - isso é um *relato* [**uma descrição**] sobre seu estado de alma, ou uma *manifestação* [**uma expressão**] de sua esperança? – Posso, por exemplo, dizê-lo a mim mesmo. E não faço a mim nenhum relato. Pode ser um suspiro; mas não precisa ser nenhum. Se digo a alguém: “Não posso hoje concentrar meus pensamentos no trabalho, penso sempre na sua vinda”, - então **isto** será chamado de **uma descrição** do meu estado de alma. (PI §585, grifos nossos)

Isso mostra que alguns usos de sentenças com verbos psicológicos em primeira pessoa no presente do indicativo às vezes funcionam como expressões e às vezes funcionam como descrições. Neste sentido, um grito de terror no meio da noite não poderia ser considerado como uma descrição de um estado mental, mas, sim, como um comportamento espontâneo cujo objetivo é expressar o sentimento de medo. Do fato de que algumas vezes a sentença “Estou com medo” é utilizada para realizar a descrição de um estado mental, não se segue que ela sempre funcione como uma descrição. Se nos deixamos enganar pela gramática superficial dos termos psicológicos, estamos sujeitos a endossar a falácia descritivista (o erro de pensar que o termo descrição possui um uso uniforme). Segundo Wittgenstein, quando utilizo a sentença “Estou com medo” posso estar simplesmente expressando meu medo através de uma forma linguística de comportamento, a qual poderia ser igualmente expressa através de algo semelhante a um simples “Ai!”.

9 Ver: MACARTHUR, D. *Wittgenstein and Expressivism*. In Daniel Whiting (Eds). *The Later Wittgenstein on Language*. Londres: Palgrave, 2009.

É possível dizer que alguém descreve seus estados mentais quando a descrição envolve um processo de reflexão. Este tipo de uso do termo “descrição” é algo que eventualmente fazemos e, quando fazemos isso, pode-se dizer verdadeiramente que fazemos uma descrição de nossos estados mentais. Mas, em casos normais, onde usamos uma sentença como “Estou com dor” sem qualquer processo de reflexão, estamos expressando nossos estados mentais e, portanto, não se trata aqui de uma descrição genuína¹⁰. Em outros termos, os relatos de meus estados mentais possuem uma dimensão assertórica e uma dimensão expressiva. No lado mais distante do grito (em sua dimensão assertórica), é possível mostrar que certas expressões de estados mentais funcionam como descrições.

Para utilizar um exemplo semelhante ao oferecido por Macarthur, suponha que João faça parte de um grupo de alpinistas e que em determinado momento (com a proximidade do trecho mais perigoso da escalada) o líder (preocupado com a segurança do grupo) pergunte “Como vocês estão se sentindo?”. Neste caso, se João responde “Estou com medo”, então a expressão de seu estado mental funciona como uma descrição, pois a ideia é comunicar (reportar) ao líder como ele está se sentindo com a proximidade do trecho mais perigoso da escalada. Isto é, neste exemplo a resposta de João está mais distante do grito de medo. Existe aqui o que Wittgenstein chamou de a “diferença de propósito” entre a expressão do medo “**Estou com medo!**” e a descrição do medo “**Estou com medo**”¹¹.

Se as categorias de expressão e descrição não são auto-excludentes, então o expressivismo de Wittgenstein não se encaixa perfeitamente na visão tradicional. De um ponto de vista estritamente wittgensteiniano, o expressivista estaria correto ao considerar que a

10 Ver: CHILD, W. *Wittgenstein*. Porto Alegre: Artmed, 2013. p.178.

11 WITTGENSTEIN, L. *Remarks on the Philosophy of Psychology*. Oxford: Blackwell Publisher, 1980. Vol. II, §735.

superfície gramatical de declarações do tipo “Estou com medo” tendem a nos levar ao erro de pensar que elas sempre funcionam como uma descrição. Todavia, o erro do expressivista é assumir que este tipo de declaração *nunca* funciona como uma descrição¹². Ao fazer isso, o expressivista acaba por negligenciar a gramática profunda dos termos psicológicos e, portanto, tende a perder de vista a ampla variedade dos usos que determinam o significado de certas expressões. De acordo com Macarthur, o expressivista tradicional parece assumir o dogma de que “poder ter um valor de verdade é equivalente a ser uma descrição, de tal modo que perder a funcionalidade descritiva significa perder a possibilidade de ter um valor de verdade”¹³.

A posição de Wittgenstein é, portanto, ligeiramente distinta da posição expressivista tradicional, pois (1) assume que a dicotomia descrição-expressão é inadequada e (2) assume que um estado mental pode ser descrito (mesmo que em contextos muito particulares)¹⁴. É óbvio que supor que a expressão de estados mentais funciona sempre do mesmo modo (assim como funcionam as expressões isentas de valor de verdade tais como “Ai”, “Aargh!”, etc.) é ignorar as diferenças lógicas e gramaticais entre elas e os casos limites (não-declarativos) como o grito de medo, por exemplo. Portanto, Wittgenstein não pode ser considerado como um expressivista tradicional, pois apesar de reconhecer a dimensão expressiva de sentenças a respeito de estados mentais, os expressivistas tradicionais não reconhecem a dimensão assertórica das expressões e ignoram o emprego descritivo dos estados mentais. Os expressivistas tomam como uma diferença de tipo o que na verdade é *apenas* uma diferença de grau¹⁵.

12 Quando enuncio a sentença “Estou com dor” posso estar fazendo um relato cuidadosamente deliberado ao meu médico sobre o tipo de enfermidade que estou acometido, por exemplo.

13 MACARTHUR, D. *Wittgenstein and Expressivism*. In Daniel Whiting (Eds). *The Later Wittgenstein on Language*. Londres: Palgrave, 2009.

14 Ver: WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Blackwell, 2001, §188.

15 WITTGENSTEIN, L. , Vol. II, §727.

Para concluir, convém enfatizar o fato de que existe uma ampla variedade, aberta e indeterminada, daquilo que podemos chamar de uma “descrição”. Wittgenstein oferece diversos exemplos do que pode contar como uma descrição, dentre eles sentenças do tipo “Agora tenho menos medo dele do que antes”. Se certo conjunto de palavras funciona como uma descrição, essa é uma questão de circunstâncias de usos e não meramente uma questão de forma ou conteúdo sentencial. O que torna o tratamento wittgensteiniano dos termos psicológicos muito atraente para o expressivista tradicional parece ser justamente a investigação das muitas e variadas funções descritivas e não-descritivas que são fornecidas pelo uso da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOWER, N.S. *Expressivist Theories of First-Person Privilege*. Iowa: Iowa Research Online, 2010.
- CHILD, W. *Wittgenstein*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Revisão de Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- KALLESTRUP, J. *Paradoxes about Belief*. Australasian Journal of Philosophy, 2003. Vol. 81, No. 1.
- LINVILLE, K. Wittgenstein on “Moore’s Paradox”. In: LUCKHARDT, C. G. *Wittgenstein: sources and perspectives*. Bristol: Thoemmes Press, 1996.
- MACARTHUR, D. *Wittgenstein and Expressivism*. In: Daniel Whiting (Eds.). *The Later Wittgenstein on Language*. Londres: Palgrave, 2009.
- MOORE, G. E. Reply to my critics. In: SCHILPP, P. (Ed.). *The philosophy of G. E. Moore*, La Salle, Ill.: Open Curt, 1942.

_____. Russell's 'Theory of Descriptions'. In: SCHILPP, P. (Ed.). *The philosophy of Bertrand Russell*. La Salle, Ill.: Open Curt, 1944.

MORAN, R. *Authority and estrangement: an essay on self-knowledge*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

NEVES FILHO, E. F. das. O paradoxo de Moore é apenas um caso de asserção absurda? *Grifos*, Chapecó (SC), n. 8, p.73-96, 1999.

_____. O paradoxo de Moore: uma análise de diferentes soluções. Coleção Dissertatio. Pelotas: EDUFPEL, 2011.

RÖSKA-HARDY, L. *Moore's Paradox and The Expression of Belief*. Paderborn: Mentis, 2001.

SHANKER, S.G. *Philosophy in Britain Today*. New York: State University of New York Press, 1986.

SEARLE, J. R. *Expression and Meaning*. Cambridge: University of Cambridge, 1979.

SCHULTE, J. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. New York: Oxford University Press, 1995.

SORENSEN, R. A. *Blindspots*. Oxford: Editora; New York: Oxford University Press, 1988, p.1-456.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. 3. ed. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Remarks on the Philosophy of Psychology*. v. I. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

_____. *Letters to Russell, Keynes and Moore*. Oxford: Blackwell, 1974.

_____. *Ultimos escritos sobre filosofia de la psicologia*. Estudios preliminares para la parte II de Investigaciones Filosóficas. Edición preparada por G. H. VON WRIGHT y HEIKKI NYMAN. Traducción de Edmundo Fernandez, Encarna Hidalgo y Pedro Mantas. Madrid: Tecnos S. A., 1987.